

119RA

III ENCONTRO CIENTÍFICO do CINDEDI



Centro de Investigação sobre Desenvolvimento e Educação Infantil

02 a 06 de fevereiro de 1998

FFCLRP - USP
Depto. de Psicologia e Educação

Março

III Encontro Científico do CINDEDI

Ribeirão Preto, 02 a 06 de fevereiro de 1.998

CINDEDI - Centro de Investigações sobre
Desenvolvimento e Educação Infantil

Departamento de Psicologia e Educação
Faculdade de Filosofia Ciências e Letras
de Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo

Comissão Organizadora:

- Cleido Roberto F. Vasconcelos
- Heloisa Oliveira Salgado
- Katia de Souza Amorim
- Marluce F. De Carvalho
- Patrícia Carla S. Vale Zucoloto
- Renata Meneghini
- Ronie Charles F. Andrade

Agradecimentos:

- Ao Departamento de Psicologia e Educação da F.F.C.L.R.P. - USP, pelo apoio e financiamento do evento;
- À Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto e Prefeitura do Campus - USP Ribeirão Preto, pelo uso das instalações e de recursos áudio-visuais;
- Ao Centro Acadêmico da Filosofia (CAFI) pelo empréstimo de recursos áudio-visuais;
- À Mara Ignez Campos-de-Carvalho e Ana Paula S. Soares pela detalhada revisão dos resumos;
- Aos professores convidados, Ana Almeida Carvalho, Ana Luíza Smolka, Angel Pino, Carmem Craidy e Sandra Sawaya, debatedores no Encontro;
- Ao CNPq e FAPESP, pelo financiamento dos projetos de pesquisa em desenvolvimento.

Programa do 3º Encontro Científico do CINEDI:

	Manhã	Tarde
2º feira 02/02	painel	painel
3º feira 03/02	painel	15h: Abertura Maria Clotilde Rossetti-Ferreira 16:30h: Coquetel e exposição*
4º feira 04/02	Mediação Coordenadora: Katia S. Amorim Debatedora: Ana Luiza Smolka	Educação em Diferentes Contextos Coordenadora Zilma M. R. Oliveira Debatedora: Sandra Sawaya
5º feira 05/02	Cenários Coordenadora: Telma Vitória Debatedora: Carmem Craidy	Interação Mãe - Criança e Educadora - Criança. Coordenadora: Mara Campos-de-Carvalho Debatedor: Angel Pino
6º feira 06/02	Interação Criança - Criança Coordenadora: Marlene Gonçalves Debatedora: Ana Almeida Carvalho	Rede de Significados Maria Clotilde Rossetti-Ferreira Reunião CINEDI: Propostas Futuras

* "A Vida Íntima do Pesquisador."; com trabalhos artísticos dos pesquisadores do grupo do CINEDI.

PAINÉIS E RESUMOS

Obs.: Os trabalhos cujos títulos forem precedidos por asterisco, farão a apresentação através de painel, mas não farão a apresentação oral do trabalho, já que esta pressupõe uma discussão dos dados analisados.

Quarta - Feira (04/02/98)

Mediação (8 - 12 h):

Coordenação: Katia de S. Amorim

Debatedora: Ana Luiza Smolka

- Arranjos Espaciais: Campos-de-Carvalho, Mara I.
- Simbólicos: Oliveira, Zilma M.R.
- Contribuições da Teoria das Representações Sociais para a Pesquisa e a Aplicação em Instituições de Educação Infantil: Vitória, Telma. Mestrado Concluído. Pg. 36

Educação em Diferentes Contextos (14-18 h):

Coordenadora: Zilma M.R. Oliveira

Debatedora: Sandra Sawaya

- * Avaliação de Ambientes Coletivos para Bebês e Crianças Pequenas. Oliveira, Mariana A. Projeto de Iniciação Científica. Pg. 16
- * Avaliação de Ambientes Coletivos de Crianças Pequenas. Furtado, Rosângela A. Projeto de Mestrado. Pg. 17
- O Processo de Inserção da Criança Portadora de Paralisia Cerebral na Creche e/ou Pré-escola. Yazlle, Cláudia H. Projeto de Mestrado. Pg. 18

- Projetos Educacionais - Pedagógicos para as Crianças de 0-3 Anos em Creche: Duas tendências, uma reflexão. Mello, Ana Maria. Mestrado em fase final. Pg. 32
- Brincar de Escolinha: A Construção da Representação da Criança em Creche. Gonçalves, Marlene. Doutorado concluído. Pg. 38
- * Criança na Instituição: O Estágio como Referência Importante na Formação do Psicólogo Atuante na Educação Infantil. Zucoloto, Patrícia C.S.; Vitória, Telma. Estágio da Disciplina de Criança na Instituição. Pg. 39
- Planejamento para Educação Municipal. Bonagamba, Márcia

Quinta - Feira (05/02/98)

Cenários (8-12 h):

Coordenadora: Telma Vitória
Debatedora: Carmem Craidy

- Refletindo sobre o Processo Saúde/Doença na Creche. Silva, Alma H. e Yazlle, Cláudia H. Aperfeiçoamento em andamento. Pg. 24
- O Trabalho Infanto-Juvenil a Partir de uma Visão Sócio-Histórica do Desenvolvimento Psicológico. Baldin, Luciane S.A. Mestrado em andamento. Pg. 25
- O Processo de Elaboração de Mães na Inserção de seus Bebês na Creche. Chaguri, Ana Cecília. Mestrado em andamento. Pg. 28
- O Jovem em Conflito com a Lei na Cidade de Ribeirão Preto: 1986 - 1996. Silva, Ana Paula. Mestrado em fase final. Pg. 33
- * Uma Visão Histórica sobre o Fracasso Escolar como Objeto de Estudo - Contribuições de uma Disciplina. Piotto, Débora C. Relato de Experiência. Pg. 40

Interação Mãe - Criança e Educadora - Criança (14-18 h):

Coordenadora: Mara Campos-de-Carvalho

Debatedor: Angel Pino

- Momentos no Processo de Integração Mãe - Bebê e da Díade em Novos Contextos. Salgado, Heloisa O. e Franceschini, Trude. Iniciação Científica em andamento. Pg. 23
- A Emergência de Significados na Co-construção da Relação Mãe - Bebê. Amorim, Katia. Mestrado concluído. Pg. 35
- O Papel da Estruturação Pedagógica na Interação Educador - Criança e Criança - Criança em Creche. Besani, Viviane. Iniciação Científica em andamento. Pg. 20
- A (In)Disciplina nas Interações Educadora - Criança e Criança - Criança na Creche. Frazatto, Lenice. Iniciação Científica em andamento. Pg. 21
- Análise do Processo de Inserção de Cinco Crianças do Berçário de uma Creche Universitária. Eltink, Caroline F. Mestrado em fase final. Pg. 34

Sexta-Feira (06/02/98)

Interação Criança - Criança (8-12h):

Coordenadora: Marlene Gonçalves

Debatedora: Ana Almeida Carvalho

- Ocupação do Espaço por Diferentes Agrupamentos entre Crianças Pequenas em Creches. Padovani, Flávia. Iniciação Científica em fase final. Pg. 30
- O Brincar da Criança com Síndrome de Down: um Olhar Sócio-Interacionista. Leonardo, Érika de S. Iniciação Científica em andamento. Pg. 22
- Abordagem Social entre Crianças Pequenas no Contexto de Desenvolvimento da Creche. Moraes, Regiane S. Mestrado em

andamento.

Pg. 29

- Áreas Espaciais e Níveis de Interação entre Crianças Pequenas em Creche. Meneghini, Renata. Mestrado em andamento.

Pg. 26

- Encontro entre Bebês na Creche: A Incompletude como Virtude. Vasconcelos, Cleido R.F. Pós-doutorado em fase inicial.

Pg. 29

Rede Dinâmica de Significados (14-18 h)

- Maria Clotilde Rossetti-Ferreira

SUMÁRIO

1. Apresentação	Pg. 11
2. Resumos	Pg. 15
2.1. Projetos de Pesquisa	pg. 16
A. Iniciação Científica	pg. 16
B. Mestrado	pg. 17
 2.2. Pesquisas em Andamento	pg. 20
A. Iniciação Científica	pg. 20
B. Aperfeiçoamento	pg. 24
C. Mestrado	pg. 25
D. Pós-Doutorado	pg. 29
 2.3. Pesquisas em Fase Final e/ou Concluídas	
A. Iniciação Científica	pg. 30
B. Mestrado	pg. 32
C. Pós-Doutorado	pg. 38
 2.4. Relatos de Experiência	pg. 39

1. APRESENTAÇÃO

O 3º Encontro Científico do CINDEDI (Centro Brasileiro de Investigações sobre Desenvolvimento e Educação Infantil) ocorre num momento em que seus vários membros, amadurecidos através de suas experiências de pesquisa e pós-graduação, estiveram ativamente envolvidos na definição de um novo Projeto Temático, recentemente aprovado pela FAPESP, o qual define nossas metas e planos de ação para os próximos quatro anos.

Os objetivos gerais do grupo foram decididos a partir de uma discussão dos interesses e trabalhos de pesquisa dos vários participantes e da avaliação dos resultados dos projetos anteriores, sendo definidos como: produzir conhecimentos sobre os processos de desenvolvimento humano em geral, mantendo, ainda, um foco especial no desenvolvimento infantil em creches, embora amplie sua investigação incluindo outras faixas etárias e contextos. Propõe-se que essa produção seja construída a partir de pesquisas, de atividades de formação de pessoal e de programas de assessoria institucional. Tais conhecimentos, além de contribuir para o avanço teórico na área da Psicologia do Desenvolvimento, deverão fornecer subsídios para a formulação de propostas de trabalho educativo e para a elaboração de material didático a ser usado em programas de formação de recursos humanos.

O Projeto Temático atual, **"Análise do desenvolvimento humano enquanto uma construção através de uma rede dinâmica de significados"**, representa uma continuidade e um aprofundamento com relação ao projeto anterior (FAPESP, projeto temático nº 91/3584-2, 1992-1996), o qual tinha por objetivo investigar alguns elementos mediadores do desenvolvimento infantil. No relatório final deste, foi apresentado, dentre outras produções, um modelo teórico elaborado por nós

para analisar a complexa rede de fatores envolvida no processo de inserção de bebês e suas famílias à creche, o qual representou um avanço na discussão a respeito dos elementos mediadores dos processos interativos adulto - criança e criança - criança em creche. Esse modelo discrimina a existência de um conjunto complexo de elementos que constitui uma determinada situação, formando uma rede ampla de fatores, os quais articulam-se dinamicamente e dialeticamente, constituindo o que denominamos de "rede de significações". Essa rede abrange os personagens envolvidos, seu contexto imediato e a matriz sócio - histórica na qual estão inseridos. No caso da integração de bebês à creche, ela centra-se em três personagens principais: a mãe (M), a criança (C) e sua(s) educadora(s) (E). As interações entre elas criam campos interligados M-C, E-C e M-E. O campo M-C está inserido em uma rede social maior, o cenário da família, que se dá em um determinado contexto, o qual envolve locais, rotinas e programações específicas, alimentadas por certas crenças e representações e apoiadas em relações sociais que lhes dão, ou não, apoio (familiares, círculo de amigos e vizinhança). No cenário da creche estão os dois outros campos E-C e M-E, com locais, rotinas, representações e relações bastante diversas, onde irão ocorrer suas interações. Esses diferentes cenários, por sua vez, estão inseridos em uma matriz sócio - histórica mais ampla, criada por um complexo contexto social, político e econômico, o qual continuamente estrutura/desestrutura o desenvolvimento humano, possibilitando variados padrões de comportamento para cada ser humano individual. Essa matriz define os significados culturais e papéis disponíveis a serem atribuídos ou assumidos pelos sujeitos e, portanto, as relações e ações possíveis. Todavia, a própria matriz é continuamente resignificada por esses mesmos sujeitos e contextos. Os componentes individuais, de ordem bio-psico-social (incluindo aqui o universo afetivo), tanto passados como presentes, de cada personagem constituem e são constituídos pelos vários campos e cenários. Não apenas o bebê,

mas também seus parceiros estão envolvidos e são constituídos nesse jogo de significações, definido fundamentalmente pelo papel, posição ou perspectiva assumida ou atribuída a cada sujeito nas ações e interações que ocorrem em um determinado contexto. Portanto, a cada momento e em cada situação, o sujeito humano está imerso nesse meio, isto é, nessa rede (malha) de significações constituída por um conjunto de fatores físicos, sociais, ideológicos e simbólicos próprios daquela cultura e grupo social. A marca central do modelo reside nas dinâmicas relações multifatoriais, marcadas por contradições e conflitos, as quais compõem os cenários individuais e coletivos. Na análise desse modelo é fundamental ter em mente que a interação dos fatores está em contínua transformação, modificando-se conforme os diferentes momentos histórico - sociais e individuais.

No presente projeto, propomo-nos a ampliar a aplicação do modelo elaborado pelo grupo, objetivando-o melhor e desenvolvendo-o mais através da análise de outras situações, as quais envolvem, como denominador comum, situações de crise ou de intensas mudanças, com uma gama mais variada de sujeitos, os quais já vinham sendo investigados por alguns elementos do grupo: criança especial, seus familiares, médicos e professores; adolescentes trabalhadores; adolescentes autores de atos infracionais. Implicam, portanto, na investigação de outros contextos (escola, trabalho, rua, serviços de saúde), onde matrizes diversas atuam sobre esses processos de transformação e mudança. Objetiva-se, nessas investigações, discutir e apreender as redes de significações que são constituídas e constituem tanto os sujeitos como seus contextos, enquanto elementos motrizes dos processos de desenvolvimento. Esperamos que esse foco, associado à articulação dos vários subprojetos, conduza a reflexões críticas e a um aprofundamento com relação ao próprio modelo, conduzindo a uma elaboração mais avançada do mesmo.

Diferentes metodologias vêm sendo utilizadas nesses vários projetos, a depender do objeto de estudo e dos recursos.

Basicamente, os trabalhos envolvem a análise de gravações em vídeo, de fotografias, de entrevistas, de formulários oficiais da Vara da Justiça Criminal, dentre outros. Isso implica que a metodologia de análise é bastante variada, mas essa diferença têm se mostrado enriquecedora na análise e discussão dos processos ligados à área de desenvolvimento.

Um ponto relevante a ser apontado na condução teórico-metodológica deste coletivo de pesquisas encontra-se no compromisso que a equipe vem assumindo, qual seja o de trabalhar de maneira a articular teoria e prática, através das atividades em que diversos participantes do grupo se envolvem, buscando auxiliar na preparação de documentos, na implementação de projetos educacionais, na formação de técnicos, divulgação do conhecimento científico, dentre outras.

Este 3º Encontro Científico do CINDEDI constitui uma oportunidade muito rica para apresentarmos e discutirmos criticamente nossos trabalhos, tanto entre nós como, particularmente, com aqueles especialistas e colegas que aceitaram nosso convite para virem participar destas discussões, aos quais desde já sinceramente agradecemos.

Maria Clotilde

2. RESUMOS

2.1. PROJETOS DE PESQUISA:

A. Iniciação Científica:

① **AVALIAÇÃO DE AMBIENTES COLETIVOS PARA BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS.** Mariana Almeida de Oliveira e Mara I. Campos-de-Carvalho.

O serviço de atendimento a crianças pequenas em creches no Brasil foi reconhecido como pertencente ao sistema educacional, embora sem caráter obrigatório, na Constituição de 1988. A partir dos anos 90, nota-se uma preocupação maior com o aspecto qualitativo deste atendimento. Desta forma, são necessários estudos que avaliem a qualidade do atendimento oferecido em nossas creches, visando a proposição de mudanças para promover melhor qualidade de atendimento, tendo em vista as deficiências encontradas neste segmento educacional. An Early Childhood Environment Rating Scale - ECERS é um instrumento desenvolvido nos Estados Unidos que vem sendo usado internacionalmente para avaliar salas de instituições para crianças de 0 a 6 anos. A partir desta escala, foi desenvolvida a Infant/toddler Environment Rating Scale - ITERS, que avalia especificamente os contextos ambientais coletivos para crianças de até 30 meses de idade, através de um observador que pode ser interno ou externo à instituição. A ITERS é composta de 7 sub-escalas: Material e Mobiliário para Crianças, Rotinas/Cuidados Pessoais, Linguagem Oral e Compreensão, Atividades de Aprendizagem, Interação, Estrutura do Programa e Necessidades do Adulto. Cada sub-escala, constituída por vários itens, apresenta instruções específicas para se pontuar cada item de 1 a 7, de acordo com as condições observadas. Este estudo tem por finalidade verificar a viabilidade de utilização da ITERS em nossas creches. Inicialmente será feita uma tradução da escala original e, após, será realizada uma fase de treinamento e familiarização do avaliador em salas de instituições que atendam

crianças de até 30 meses de idade. A escala, em seguida, será aplicada em salas de creches privadas e não privadas que mostrem padrões diversos quanto ao atendimento oferecido. Desde a etapa inicial, de tradução, a preocupação central será verificar a necessidade de adaptação de itens para a realidade brasileira, por exemplo, itens relacionados com condições climáticas, equipamentos/materiais disponíveis e outros que se fizerem necessários. Deste modo, a continuidade da aplicação em outras salas ou creches, dependerá da necessidade de reorganização ou adaptação de itens da escala. (CNPq/FAPESP)

B. Mestrado:

2 **2 AVALIAÇÃO DE AMBIENTES COLETIVOS DE CRIANÇAS PEQUENAS.** Rosângela de Assis Furtado e Mara Ignez Campos-de-Carvalho.

Estudos sobre a qualidade do atendimento em creches fazem-se necessários devido a vários aspectos, tais como a rápida expansão do uso destes equipamentos na realidade brasileira, a falta de regulamentação quanto a normas de funcionamento e a falta de parâmetros de qualificação e treinamento de profissionais que atuam nesta instituição. Um instrumento que vem sendo utilizado internacionalmente para avaliar a qualidade dos ambientes oferecidos em instituições pré-escolares é a ECERS - Early Childhood Environment Rating Scale, desenvolvida nos Estados Unidos. É um instrumento eficiente para verificar a qualidade dos ambientes oferecidos a pré-escolares e para planejar melhorias. O objetivo do presente trabalho é verificar a possibilidade de utilização da ECERS em creches brasileiras. A escala é constituída por vários itens agrupados em 7 sub-escalas: Rotinas de Cuidados Pessoais; Mobiliários e Materiais; Experiências de Linguagem e Raciocínio; Atividades de Motricidade Global e

Fina; Atividades Criativas; Desenvolvimento Social; Necessidades dos Adultos. A aplicação pode ser feita por um observador interno ou externo ao grupo, num período não inferior a duas horas. Cada Item da escala pode ser pontuado de 1 a 7, conforme instruções específicas: (1) inadequado; (3) mínimo; (5) bom; (7) excelente. As pontuações 2, 4 e 6 são utilizadas quando estão presentes todas as condições da pontuação inferior, mas apenas algumas das condições para a pontuação superior. Inicialmente, será feita uma tradução da escala original, tendo como suporte a versão da escala realizada por um grupo de pesquisadores da Universidade do Porto, Portugal. Em seguida será realizada uma fase de treinamento do aplicador em salas de creches ou pré-escolas, onde duas pessoas aplicarão independentemente a escala, havendo discussão sobre pontos discordantes e concordantes. Após, a escala será aplicada em salas de creches privadas e não privadas, com padrões diversos de atendimento oferecido. Em todas as etapas, desde a inicial, de tradução, a preocupação central será verificar a necessidade de adaptação de itens para a realidade brasileira, tais como itens relacionados com condições climáticas, equipamentos/materiais disponíveis e outros que se fizerem necessários. A continuidade da aplicação da escala em outras salas e creches, será feita conforme a análise sucessiva dos dados mostrar necessidade de reorganização ou adaptação de itens da escala. (CNPq/FAPESP)

3 O PROCESSO DE INSERÇÃO DA CRIANÇA PORTADORA DE PARALISIA CEREBRAL NA CRECHE E/OU PRÉ-ESCOLA. Cláudia Helena Diógenes Yazlle e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira.

As definições, classificações, etiologias e prognósticos de Deficiência e de Paralisia Cerebral são diversos, dependendo do momento e do contexto histórico. Nos últimos cem anos, através dos avanços tecnológicos, as idéias e os conhecimentos sobre a

Paralisia Cerebral, modificaram-se significativamente. A integração social da pessoa portadora de deficiência e a luta e garantia dos direitos sociais, têm sido a principal meta das instituições públicas, privadas e não-governamentais, de profissionais, das famílias e da pessoa portadora de deficiência. O ingresso escolar é o principal recurso para a construção e garantia desses direitos. Porém, poucas são as crianças inseridas nas redes regulares de ensino, seja escolar ou pré-escolar. A inserção de uma criança portadora de deficiência em uma escola ou pré-escola, configura-se atualmente, no país, como um processo estressante para a família, os educadores e profissionais de saúde envolvidos. A elaboração de um programa de integração de crianças, suas famílias e educadores em creche e pesquisas sobre este assunto, realizados pelo CINDEDI e pela Creche Carochinha, do Campus da USP - Ribeirão Preto, podem contribuir para se refletir e analisar este processo. Este projeto tem por objetivo investigar o processo de inserção de duas crianças portadoras de paralisia cerebral em creches e/ou pré-escolas em Ribeirão Preto, através da "Rede de Significações na Qual se dá o Processo de Adaptação da Criança, da Mãe e Educadora na Creche". Busca compreender a complexa rede de significações em que se dá este processo, de forma a evidenciar as significações mais presentes para as famílias, os educadores e os profissionais de saúde, no momento de inserção da criança neste novo cenário. Serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com mães, pais, educadoras e profissionais de saúde. As crianças serão observadas no grupo da creche/pré-escola públicas, através de um modelo de observação com um sistema de categorias amplas, registradas em intervalos alternados de tempo (30 segundos) entre observação e registro, durante três minutos. Estes registros serão analisados quantitativamente e as entrevistas, através da análise de conteúdo. (FAPESP & CNPq)

2.2. PESQUISAS EM ANDAMENTO:

A. Iniciação Científica:

④ O PAPEL DA ESTRUTURAÇÃO PEDAGÓGICA NA INTERAÇÃO EDUCADOR-CRIANÇA E CRIANÇA-CRIANÇA EM CRECHE. Viviane Cristina Besani e Zilma de Moraes Ramos de Oliveira.

Segundo os pressupostos sócio-interacionistas de Vygotsky e Wallon, o desenvolvimento infantil se dá a partir das interações que a criança estabelece com o seu meio, apropriando-se dos significados atribuídos a este contexto. Assim, as diferentes formas de organização do cotidiano da criança atuam como **recurso** para o seu desenvolvimento. Em vista disso, este trabalho tem por objetivo discutir, na estruturação das atividades pedagógicas dirigidas pela educadora em creche, as interações adulto-criança e criança-criança que se estabelecem nessas atividades e investigar se a criança recria tal estruturação em um faz-de-conta de escolinha. Para tanto, investigamos uma turma de 33 crianças de 4 anos e sua educadora, de uma creche municipal de Ribeirão Preto, atendendo a população de baixa renda. Duas sessões de atividades pedagógicas gravadas em video-tape foram transcritas em intervalos de 15 segundos e analisadas microgeneticamente. Estes dados foram confrontados com aqueles construídos a partir de uma transcrição microgenética de uma sessão da mesma turma, de brincadeira de escolinha, na qual uma das crianças representava a professora. Tais análises apontam que as atividades da educadora ocorrem sem preparo prévio do material a ser usado e poucas vezes sendo informado os motivos de serem realizadas conforme proposto. Os dados mostram ainda que a educadora conduz a turma para a execução das atividades através do uso de ameaças, retirada de materiais desnecessários e controle da participação das crianças. Os momentos interativos são condicionados pela estruturação das

atividades que, por sua vez, são **mediadas** pelas representações da educadora sobre qual o seu papel na creche. No faz-de-conta, a preocupação com a atividade reaparece, através da retirada, pela criança-professora, de materiais incompatíveis e controle das crianças para a realização da tarefa. No entanto, tais situações não ocorrem em forma de ações pré-determinadas, mas sim de reconstruções e resignificações das experiências anteriormente vivenciadas com a educadora. Estes dados apontam a necessidade de repensar a formação do educador infantil, possibilitando-lhes uma reflexão a respeito de sua participação no processo de desenvolvimento da criança. (CNPq / FAPESP)

5 **A (IN)DISCIPLINA NAS INTERAÇÕES EDUCADORA-CRIANÇA E CRIANÇA-CRIANÇA NA CRECHE.** Lenice Frazatto e Zilma de Moraes Ramos de Oliveira.

A questão da indisciplina em sala de aula tem sido considerada do ponto de vista da recusa à adaptação a regras propostas pelo professor e como um entrave ao processo de aprendizagem. De modo a contribuir para a discussão do conceito de indisciplina em contextos educativos e compreender a construção da mesma em sala de aula, buscamos analisar microgeneticamente episódios gravados em vídeo (3 sessões variando de 24 a 49 minutos) relativos ao controle de um grupo de 31 crianças (18 meninas e 13 meninos) de 5 a 6 anos em creche pública atendendo população de baixa renda. Foi feito um levantamento dos episódios de indisciplina nas três sessões, tomando-se gestos e verbalizações da educadora e das crianças como indicadores do que tradicionalmente se aponta como indisciplina. A análise microgenética das interações criadas nos episódios selecionados revelou variadas tentativas por parte da educadora de prevenir o aparecimento de momentos de indisciplina. Uma elevada incidência de pedidos de silêncio e contenção dos movimentos das crianças por parte da educadora foi observada, indicando

maior preocupação com a postura das crianças e a estruturação da atividade e desconsiderando aspectos importantes do desenvolvimento infantil. O controle empreendido pela educadora transparece nas interações criança-criança sob a forma de comportamentos que sugerem uma apropriação pela turma das regras trazidas pela professora. Análise posterior deve considerar as condições de formação e trabalho da educadora e pode contribuir para aperfeiçoar o trabalho pedagógico em creches. (CNPq / FAPESP)

O BRINCAR DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN: UM OLHAR SÓCIO-INTERACIONISTA. Érika L. Souza e Zilma M. R.Oliveira.

A concepção sócio-interacionista, através de postulados teórico-metodológicos baseados nos trabalhos de Vygotsky e Wallon, entende o sujeito como sendo construído nas relações sociais. O jogo de faz-de-conta é central nessa concepção, constituindo-se numa oportunidade fundamental para a gradativa tomada do papel do outro, ou seja, para o exame das várias perspectivas ligadas a diferentes papéis em enredos diversos. A brincadeira se constitui em "zonas de desenvolvimento proximal", ao evocar o papel do indivíduo, cujo comportamento é mediado pelos símbolos presentes em sua cultura. O objetivo deste trabalho é averiguar, através de uma análise sócio-interacionista, como crianças com Síndrome de Down estruturam as suas brincadeiras. Para isso, foi feita uma análise microgenética de uma sessão de 32 minutos de brincadeira livre, de 6 crianças com Síndrome de Down de idades entre 6 e 7 anos, gravada em VT na brinquedoteca de uma EMEI de Ribeirão Preto. Uma análise parcial dos dados mostra que são pouco frequentes as interações em dupla e inexistentes aquelas envolvendo três ou mais crianças. As interações diádicas envolvem troca de olhares ou olhar o parceiro, a disputa por objetos ou brinquedos e o mostrar objetos

ao parceiro. As brincadeiras de faz-de-conta surgidas apoiam-se em gestos mediados por objetos usados canonicamente. Conhecer como a criança com Síndrome de Down se socializa, a interação com outras crianças, sua compreensão e desempenho dos papéis sociais através do estudo das suas brincadeiras e dos jogos de faz-de-conta, se configura em uma das formas dessas crianças efetivarem sua integração social e deverá contribuir fundamentalmente para novas propostas educacionais para esta criança. (CNPq/FAPESP).

2. ver parâmetros

7 MOMENTOS NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO MÃE-BEBÊ E DA DÍADE EM NOVOS CONTEXTOS. Heloisa O.

Salgado (Universidade de São Paulo); Trude Franceschini (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP); Teodolinda Stocche (Instituto Brasileiro de Psicanálise); Maria Clotilde Rossetti- (Universidade de São Paulo).

Este será um estudo de caso no qual acompanharemos momentos no processo de integração de uma bebê (Luíza) e de sua mãe, no cenário da família, e a reestruturação da relação da díade nos contextos creche A e creche B. Luíza foi observada intra-útero a partir das 12 semanas e 5 dias de gravidez. Desde então, foram feitas observações mensais durante meses seguintes de gestação e, após o nascimento, observações semanais até o primeiro ano de vida. Essas observações foram feitas em sua casa e nas duas creches que freqüentou. O material referente à segunda creche se estende até aproximadamente o seu segundo ano de vida. O material de análise é constituído por fitas de vídeo com gravações do bebê intra-útero (seis gravações) e anotações destas observações (sete anotações); observações mãe-bebê (31 observações) até o primeiro ano de vida; entrevistas com duas educadoras da creche (10 entrevistas) e gravações em vídeo do bebê nos primeiros três meses de freqüência à creche. Através de

um estudo longitudinal, vamos verificar momentos de integração mãe-bebê e da díade em novos contextos, em cinco diferentes momentos - intra-útero, expectativas e sentimentos da mãe com relação ao "bebê imaginário"; o parto; os primeiros meses da relação mãe e "bebê real"; o quarto momento que é a inserção na creche A; e o último momento que é a inserção na creche B. (FAPESP; CNPq)

B. Aperfeiçoamento:

8 **REFLETINDO SOBRE O PROCESSO SAÚDE/DOENÇA NA CRECHE.** Alma Helena Alves da Silva, Cláudia Helena Diógenes Yazlle E Maria Clotilde Rossetti-Ferreira.

Quando uma criança ingressa em uma creche, as famílias passam ter uma preocupação com a possibilidade de adoecimento da criança devido ao fato de conviver num ambiente coletivo, diferente do familiar. Muitas vezes, é até mesmo recomendação médica evitar a educação coletiva de crianças pequenas. Estas idéias associam creches a doenças, contágios e a um ambiente não adequado ao desenvolvimento infantil. Diante disso surgem várias questões entre os profissionais que trabalham com a infância e a educação infantil, como por exemplo: Bebês que freqüentam creches, ficam mais doentes do que os que não freqüentam? Seriam as creches ambientes promotores de doenças ou de saúde? O investimento na qualidade do trabalho pode reduzir o número de intercorrências de saúde dentro das creches? Buscamos promover algumas reflexões sobre o processo saúde-doença em creches, abordando que esse processo é construído socialmente e que a creche pode vir a ser um ambiente promotor tanto de saúde, como de doença, dependendo da proposta e da qualidade do serviço prestado. Para tanto, partimos de pesquisas realizadas pelo CINEDI e da experiência de trabalho da Creche

C. Mestrado:

⑨ **O TRABALHO INFANTO-JUVENIL A PARTIR DE UMA VISÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO.** Luciane Sá de Andrade Baldin e Zilma Moraes Ramos de Oliveira.

Na nossa cultura, o trabalho é um atributo positivo e sendo assim, desejável para homens e, mais recentemente, mulheres. Por outro lado, questões sociais, históricas e ideológicas ora incluem, ora excluem os mais jovens da atividade laborativa. Na sociedade brasileira, é expressivo o número de jovens inseridos no mundo do trabalho antes do término da escolarização obrigatória e em condições, muitas vezes, inadequadas. Circulam assim, vários discursos no sentido de apoiar ou rejeitar essa inserção, associados a práticas marcadamente desiguais de colocação dos jovens no trabalho conforme a camada social. No presente trabalho de pesquisa, pretende-se estudar como o trabalho se articula como um **mediador sócio-cultural** de desenvolvimento para jovens trabalhadores. O trabalho de pesquisa foi desenvolvido junto a uma empresa de confecção/montagem de materiais hospitalares, onde foram realizadas 5 semanas de observação da situação de trabalho com sessões que variaram de 1 hora e meia a 2 horas. Após três semanas de observação e de um contato diário com os trabalhadores, foram realizadas 19 entrevistas: 17 com os trabalhadores, uma com o encarregado e outra com um dos proprietários. Do total de trabalhadores, 77,8% eram do sexo feminino e 61,1% eram menores de 18 anos. A metodologia de análise de entrevistas será realizada considerando temas e problemáticas que emergirão no discurso dos entrevistados. No atual momento, pensa-se em utilizar as contribuições da metodologia de análise de discurso dos teóricos

localizada no Campus USP- Ribeirão Preto. A coleta de dados foi feita através de registro em vídeo tape, numa sala estruturada com 2 zonas circunscritas, focalizando o grupo todo em períodos de atividade livre. O procedimento de análise dos dados envolve as seguintes etapas: (1) observação do conjunto da sessão; (2) recorte dos episódios sociais com início a partir do direcionamento social de uma criança à outra e término quando o elo interacional não se fecha ou quando a cadeia interacional iniciada é interrompida ; (3) descrição dos episódios, focalizando os comportamentos apresentados pelo iniciante ao se dirigir socialmente, as características do episódio social interativo, a inserção do episódio no contexto da sessão ou conjunto das sessões; (4) análise dos episódios, descritos a partir dos indicadores da abordagem social, frequência, relação entre os recursos comportamentais e a efetividade no contato. Foram analisados 21 episódios sociais a fim de se validar o procedimento de análise. Observou-se que o olhar direcionado esteve presente em todos os episódios e a aproximação física, em 80% dos mesmos. A fala foi pouco frequente (7% dos episódios), enquanto que a **imitação imediata foi um recurso utilizado em 52% dos casos**. A abordagem social parece ter geralmente como contexto uma atividade desenvolvida por uma, duas ou mais crianças, ou seja, uma situação significada pelo outro através de "pistas" como a presença e o uso de determinado objeto, a sequência de ações, a fala, a expressão afetiva; tal contexto de significação é interpretado pela criança alvo e/ou pela criança iniciante, no campo potencial de interação criado pela aproximação social.

12 ? ver painel
O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DE MÃES NA INSERÇÃO DE SEUS BEBÊS NA CRECHE. Ana Cecília Chaguri e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira.

A creche é hoje uma alternativa para um número cada vez maior

de famílias. Quando estas optam pela creche, surgem conflitos, mesmo no caso de creches com boa qualidade de atendimento, pois prevalece a idéia de que a mãe é quem deve cuidar da criança pequena. O objetivo desta pesquisa é investigar e, ao mesmo tempo, intervir no processo de elaboração dos conflitos vivenciados pelas mães ao inserirem seu bebê na creche, a fim de compreendê-los melhor do ponto de vista teórico e prático, buscando formas de orientar o acolhimento às novas famílias cujos bebês começam a freqüentar a creche. A intervenção foi realizada através de dinâmicas de grupo. O grupo constituiu-se de 3 mães, com filhos de 0 a 3 anos, que conseguiram vagas para ingressar na creche Carochinha-USP em 1997. Foram realizados 10 encontros semanais no período de abril a junho de 1997, no Departamento de Psicologia da USP-RP, com duração média de 1h, dirigidos pela pesquisadora que contou com uma auxiliar. Foram realizadas posteriormente 2 entrevistas individuais, semi-dirigidas, com cada uma das mães e a pesquisadora, a fim de acompanhar o processo de cada uma delas. Os principais temas, trazidos espontaneamente pelas mães, foram: sentimentos que tiveram ao inserir seu bebê na creche, reação de familiares, amigos e profissionais da saúde quanto a esta opção, relacionamento com as educadoras, forma de como a creche e a família educam as crianças e relação marital após o nascimento dos filhos, entre outros. A análise do material coletado será fundamentada na perspectiva sócio-interacionista construtivista do desenvolvimento humano e realizada segundo a rede dinâmica de fatores na qual ocorre o processo de inserção, focando o campo da mãe, nos cenários família e creche. (FAPESP/CNPq)

D. Pós-Doutorado:

13 ENCONTROS ENTRE BEBÊS NA CRECHE: A INCOMPLETUDE COMO VIRTUDE. Cleido R. Franchi e

Vasconcelos e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira.

O estudo do mundo social infantil pela psicologia do desenvolvimento passou de uma fase inicial centrada nas relações mãe-criança até ir progressivamente, incorporando o coetâneo como parceiro significativo de interação. Com isto, o estudo de interações criança-criança nos primeiros anos de vida intensificou-se bastante na última década, porém, ainda existe pouca aceitação na literatura para a ocorrência de interações criança-criança antes de um ano de idade. Observações preliminares feitas em 21 bebês (5-13 meses) de uma creche universitária, têm mostrado que interações criança-criança podem acontecer. Estas interações envolvem olhares, vocalizações, posturas corporais, contato físico e disputas de objetos. O objetivo do presente estudo é saber como se dá este processo de interação. Para isso, foram feitas observações e transcrições microgenéticas de fitas de vídeo previamente gravadas durante o processo de inserção das crianças à creche no primeiro semestre de 1994. A análise é basicamente qualitativa, procurando definir episódios de interação criança-criança e tentando entender como eles acontecem. Nossos primeiros resultados mostram que a incompletude motora do bebê, responsável pelos seus movimentos e gestos desordenados, longe de atrapalhar, pode promover a interação e, por conseguinte, também ajudar a favorecer o próprio desenvolvimento infantil.(FAPESP, CNPq).

2.3. PESQUISAS EM FASE FINAL E/OU CONCLUÍDAS:

A. Iniciação Científica:

14 OCUPAÇÃO DO ESPAÇO POR DIFERENTES AGRUPAMENTOS ENTRE CRIANÇAS PEQUENAS EM CRECHES. Flávia Padovani e Mara Campos-de-Carvalho.

O arranjo espacial - maneira como móveis e equipamentos existentes em um local posicionam-se entre si - é uma das variáveis do contexto ambiental que **influencia** a interação entre crianças. Em nossos estudos anteriores, realizados com grupos de crianças de 2-3 anos em duas creches da região de Ribeirão Preto (SP) que atendem famílias de baixa renda, verificou-se o **papel de suporte** do arranjo espacial para a distribuição espacial das crianças e para a formação de agrupamentos infantis. Utilizando a mesma coleta de dados, obtida por duas câmeras fotográficas com funcionamento automático e simultâneo a cada 30 segundos, o objetivo deste trabalho é analisar o papel de suporte do arranjo espacial para a ocorrência de agrupamentos que se associam bastante e dos que pouco se associam: (1) verificando a ocupação do espaço por estes agrupamentos; (2) comparando, entre fases, o número de cada um desses dois tipos de agrupamentos. Três fases compuseram o estudo: FI - arranjo aberto: espaço habitual, amplo e vazio (4 sessões); FII - arranjo aberto: introdução de pequenas estantes de madeira nas laterais do local (6 sessões); FIII - arranjo semi-aberto: montagem de duas zonas circunscritas (6 sessões). Proximidade física (distância de até 1m) foi o critério utilizado para o levantamento dos agrupamentos. Os agrupamentos com um número de associações dois desvios-padrão acima da frequência média de associação do grupo foram considerados agrupamentos preferenciais e os demais, agrupamentos ocasionais. Os resultados evidenciaram: (1) maior estruturação espacial (FIII) acarretou aumento significativo no número de agrupamentos preferenciais e ocasionais; (2) maior ocorrência de díades; (3) maior ocorrência dos dois tipos de agrupamentos nas áreas mais estruturadas de FII e FIII, estantes e zonas circunscritas (FI: número semelhante na zona do adulto - área mais estruturada - e no resto da sala). Portanto, o estudo evidencia que agrupamentos preferenciais também necessitam do suporte do arranjo espacial para sua ocorrência, assim como os ocasionais. Os dados deste trabalho, assim como de estudos

anteriores, indicam a relevância do arranjo espacial no planejamento de ambientes coletivos de pré-escolares, a fim de favorecer interações entre crianças e com o adulto. Este, ao estruturar o espaço para promover interações entre crianças, torna-se mais disponível para estabelecer contatos individuais ou com um subgrupo, contribuindo para uma melhoria do atendimento de crianças pequenas em creches e pré-escolas. (CNPq/FAPESP)

B. Mestrado:

15 **PROJETOS EDUCACIONAIS - PEDAGÓGICOS PARA AS CRIANÇAS DE 0-3 ANOS EM CRECHES. DUAS TENDÊNCIAS UMA REFLEXÃO.** Ana Maria Mello e Zilma de Moraes Ramos de Oliveira

O objetivo desse trabalho é apresentar os resultados da análise de propostas pedagógicas brasileiras para as crianças de 0-3 anos. Pretende-se com isso contribuir para o debate e a elaboração de diretrizes de projetos educacionais que atendam crianças desta faixa etária. Como o tema da minha dissertação é a análise das práticas do cuidado e educação em instituições, tentando construir diretrizes para projetos educacionais pedagógicos junto a crianças de 0-3 anos que sejam referência para os educadores, apresentarei meus argumentos iniciais sobre como temos formado nossos educadores para que estes com autonomia construam seus projetos. Para tanto, baseamos nos princípios gerais, elegendo dois autores, Piaget e Wallon, que participaram (e participam) da nossa trajetória, como também têm estado presentes nas listas bibliográficas da maioria dos Programas Brasileiros que tivemos acesso. Com a ajuda de Wallon tivemos a oportunidade de refletir sobre como estudar a criança, diferenciando-a do mundo dos adultos. Com Piaget organizamos as áreas de atuação da creche, considerando a complexidade interdisciplinar dos conteúdos e

métodos para a formação dos educadores. Duas tendências marcaram os programas analisados: uma é aquela organizada de forma improvisada, batizamos suas ações de: "Ações emergências". A outra tendência, é aquela organizada segundo áreas de conhecimento, como: português, matemática, ciências e artes, mesmo considerando os pequenos abaixo de 3 anos. Estamos denominando-as de "Ações Cogulares". Neste trabalho, apresentaremos, de modo preliminar, uma terceira forma de projeto, onde os pequenos terão acesso organizado ao conhecimento através de projetos educacionais pedagógicos, que envolvem o binômio cuidado e educação, buscando uma interseção continuada e reflexiva daquilo que é prescrito nos planos de trabalho dos educadores, com seu fazer, valorizando as "Interações".(CNPQ)

? ver painel

96

O JOVEM EM CONFLITO COM A LEI NA CIDADE DE RIBEIRÃO PRETO: 1986 - 1996. Ana Paula Soares da Silva e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira.

Na sociedade brasileira, grande tem sido a exploração da mídia e de setores sociais que tentam justificar um possível aumento da criminalidade violenta por um envolvimento maior de adolescentes. A ausência de dados na área tem impossibilitado a fundamentação das discussões levantadas em torno da nova legislação em relação à infância e juventude e, ainda, dificultado a elaboração de políticas públicas. Pretendendo contribuir para este debate, o presente projeto tem como principal objetivo o levantamento de dados relativos aos adolescentes autores de atos infracionais de Ribeirão Preto (SP), que tiveram envolvimento com o Juizado da Infância e Juventude, durante o período de 1986 a 1996. Para a análise da evolução das infrações, ao longo dos anos de estudo, utilizou-se o total de processos infracionais do Juizado (11.885). As categorias com a maior concentração de processos foram: infrações contra o patrimônio (41,25%);

contravenções penais (27,11%); infrações contra a pessoa (15,30%); porte de entorpecentes (4,04%); infrações contra os costumes (1,99%); tráfico de entorpecentes (1,89%) e uso indevido de entorpecentes (1,80%). Quando se considera o crescimento das infrações ao longo dos anos, somando-se uso indevido de entorpecentes e porte de entorpecente, estas se constituem na infração que mais apresentou crescimento, seguida de roubo e extorsão, tráfico de entorpecente, lesão corporal dolosa e porte de arma. A população amostral, para uma análise mais específica, foi composta de 2.377 processos (20% do total). Os seguintes indicadores estão sendo levantados: idade, gênero, etnia, naturalidade, escolaridade, local de residência, local de ocorrência do fato, natureza da infração, data da infração, número de envolvidos, requerente do processo, utilização de instrumentos ou armas, envolvimento com drogas e medidas aplicadas. A análise preliminar dos anos de 1987 e 1993 mostram poucas variações nestes indicadores, encontrando-se diferenças particularmente em medidas aplicadas: em 1987 a advertência foi a medida mais aplicada e, em 1993, a maioria dos processos não teve aplicação de medida, sendo arquivados. (FAPESP)

17 ANÁLISE DO PROCESSO DE INSERÇÃO DE CINCO CRIANÇAS DO BERÇÁRIO DE UMA CRECHE UNIVERSITÁRIA. Caroline F. Eltink, Maria Clotilde Rossetti-Ferreira

O surgimento de instituições responsáveis pelo cuidado coletivo de bebês menores de dois anos é um acontecimento recente em nossa sociedade, e exige das educadoras formação e capacidade de acolhimento destas crianças e suas famílias, atentando para as reações e mudanças neles provocadas no momento de entrada daqueles bebês. Este trabalho objetiva investigar o processo de inserção de crianças e suas famílias numa creche, a partir de indícios, tais como inserção na rotina, padrões de sono e de

PAIVEL (interd.) importância da educadora no processo de adaptação

alimentação, formação de vínculos, dentre outros indícios, que são utilizados por educadoras com grande tempo de formação e experiência. Foram investigadas cinco crianças do berçário, entre cinco e treze meses, selecionadas aleatoriamente, e seis educadoras por elas responsáveis, todas de uma creche universitária. Os dados foram coletados entre março e junho, através de entrevistas semi-estruturadas com as educadoras, gravadas e transcritas, e de fichas de observação de saúde destas crianças, armazenados em um banco de dados (Adapta). Ao se investigar o percurso de integração das crianças estudadas, os resultados evidenciaram uma riqueza de dados individuais: as crianças começaram a freqüentar a creche em datas e momentos diferentes; foram acompanhadas por um número diferente de dias, por figuras mais ou menos próximas afetivamente; houveram diferentes intercorrências, levando, ou não, a um afastamento da creche; houve variação no número de dias que deixaram de freqüentar a creche; a faixa etária e o grau de desenvolvimento de cada criança é diferente, etc. Sendo assim, não é possível pensar um processo de inserção de bebês à creche, pois existem vários processos ocorrendo simultaneamente. Apesar da existência de elementos comuns a cada uma das crianças, como a utilização de um programa de inserção, cada uma está vivenciando um processo de inserção na instituição que lhe é particular. (CNPq/FAPESP)

18 **A EMERGÊNCIA DE SIGNIFICADOS NA CO-CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO MÃE – BEBÊ.** Katia de Souza Amorim e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira

A estudo trata da construção da relação mãe-bebê, levando-se em consideração a idade e os papéis/contra-papéis que são desempenhados por ambos os participantes, nos vários cenários e situações. A metodologia envolveu a análise microgenética, a partir de dados de entrevistas semi-estruturadas (três com a mãe e

28 com educadoras e técnicas da creche), além de gravações em vídeo (nove horas de gravação), como parte de uma investigação mais ampla, a qual acompanhou o processo de inserção de 26 bebês, em uma creche. Os dados foram organizados cronologicamente e resultou em uma história de construção da relação que atravessa um período de 14 meses, desde o nascimento da bebê até quando esta completou oito meses de idade, passando por diferentes contextos (casa, faculdade e creche). Através deste período, as ações e interações da diáde foram influenciadas por várias pessoas e ambientes, os quais compuseram os diversos cenários. Além disso, mãe-criança assumiram diferentes papéis (estudante, mãe, esposa; e, filha, neta, criança sob cuidados de creche), que variavam de acordo com os diversos parceiros de interação, as habilidades desenvolvimentais e os ambientes. Observamos a ocorrência de uma rede de significados coletivos e pessoais que atribuíam determinadas características aos vários papéis, que se somavam, superpunham ou mesmo se conflitavam, na emergência do aqui-
agora das interações. Assim, propomos que a construção da relação da diáde desenvolveu-se através de um processo contínuo, que se concretizava em cada momento e ambiente, com ambos os parceiros sendo reciprocamente constituídos através das interações estabelecidas. (FAPESP & CNPq)

19 **CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PARA PESQUISA E APLICAÇÃO EM INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL - Telma Vitória .**

Considerando que ação e representação se constituem reciprocamente, a teoria das Representações Sociais tem se mostrado um instrumento interessante para a compreensão sobre a atuação dos educadores, seja no que se refere à maneira como

organizam o trabalho (os ambientes físicos, a rotina, as programações), seja nas próprias interações que estabelecem com as crianças, seus familiares e com os colegas de trabalho. Este trabalho se propõe a discutir algumas possibilidades de análise do desenvolvimento e educação em instituições de educação infantil a partir de observações e entrevistas apoiando-se em tal teoria. A ação e a comunicação social se dão através de regulações entre as atividades dos indivíduos, onde se constroem significados que podem ser compartilhados por um grupo, comunidade ou sociedade. Uma representação social pode ser definida aqui como uma "modalidade de conhecimento", a qual permite aos indivíduos a comunicação, a expressão e, por outro lado, a organização de novos significados e conhecimentos. A dinâmica pela qual as representações sociais se difundem e se transformam na interação dos indivíduos pode ser entendida através dos seus processos básicos, chamados de "ancoragem" e "objetivação". O processo de ancoragem permite entender a maneira como eventos, informações e significados novos podem ser apreendidos pelo sujeito, que os "ancora" em representações já existentes, o que faz com que estas cumpram a função de núcleos estruturantes, os quais se modificam dinamicamente no processo. Em contrapartida e dialeticamente, a objetivação esclarece a tendência das representações a se cristalizarem e/ou naturalizarem, tornando-se núcleos estruturados da ação e do pensamento. Serão aprofundadas algumas questões sobre estes processos e outros aspectos relevantes da teoria, como sua discussão a respeito de conhecimentos de senso comum e conhecimentos científicos e sua interface com o conceito de ideologia. Esta discussão focalizará a atuação de educadores em algumas situações que ocorrem no contexto da creche, como por exemplo, nas relações com famílias, em práticas alimentares e de saúde.(CNPQ/FAPESP)

C. Pós-Doutorado:

20

BRINCAR DE ESCOLINHA: A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DE CRIANÇAS EM CRECHES -

Marlene F.C.Gonçalves; Zilma M.R. Oliveira

Fundamentado em Vygotsky e Wallon, com a perspectiva que considera a criança como um sujeito sempre constituindo-se nas relações sociais, este estudo investigou as características do jogo de faz-de-conta desenvolvido por crianças de 4 e 5 anos, buscando apreender os **elementos estruturadores** das situações criadas pelas interações das crianças e os processos pelos quais elas constroem o enredo e sua relação com as experiências sociais vivenciadas. Foram analisados microgeneticamente 3 sessões do faz-de-conta, gravadas em vídeo com aproximadamente 30 minutos cada uma, de 3 grupos de crianças (A1= 16 crianças de 4 anos, A2= 13 crianças de 5 anos e B= 23 crianças de 4 e 5 anos) uma sessão por grupo. Estas, cada uma com sua própria turma e sem a presença da professora, brincavam de "escolinha". As gravações foram feitas em duas creches municipais para famílias de baixa renda. Há indícios de que a construção e o desenvolvimento do tema proposto ("escola") foram assegurados inicialmente pelo arranjo do cenário feito pelas crianças (cadeiras dispostas em filas), pelo uso canônico do material disponível (lápiz, papel, cola etc.) e pela imitação de formatos interativos experienciados pelas crianças durante as chamadas atividades pedagógicas desenvolvidas na creche. As crianças reproduziam, de forma bastante ritualística, os comportamentos da educadora e seus alunos em aula. Estas reproduções davam-se geralmente de forma coletiva, numa co-construção resultante dos confrontos, acordos e desacordos das crianças manifestos em seus gestos e posturas. Não se tratava de ações pré-delineadas cognitivamente, mas de ressignificações das ações conforme elas iam emergindo na situação, como uma atualização das regulações vivenciadas

pelas crianças. Tal atualização pressupõe uma diferenciação crescente dos elementos originariamente presentes. Isto possibilitava uma recriação das experiências vivenciadas, mais que uma mera reprodução, o que, por sua vez, estaria propiciando condições para o próprio desenvolvimento infantil. (FAPESP & CNPq)

2.4. RELATOS DE EXPERIÊNCIA:

2.4.1. "CRIANÇA NA INSTITUIÇÃO": O ESTÁGIO COMO REFERÊNCIA IMPORTANTE NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO ATUANTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Patrícia Carla Silva do Vale Zucoloto, Telma Vitória e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira.

O presente trabalho tem como objetivo discutir o estabelecimento de uma compreensão e/ou as diversas compreensões existentes do papel do psicólogo para o trabalho com a Educação Infantil, sendo objetivo também subsidiar a discussão sobre a formação deste profissional. Para isto está sendo realizado o levantamento da história da disciplina-estágio "Criança na Instituição" pertencente ao curso de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP - Campus de Ribeirão Preto e ministrada por docentes do CINDEDI, Centro Brasileiro de Investigações sobre Desenvolvimento e Educação Infantil. Sendo o primeiro momento da pesquisa o levantamento dos relatórios elaborados pelos alunos destas disciplinas, no período de 1990 a 1997, nossa hipótese é de que a inserção do estagiário é um fator relevante na dinâmica da Instituição. Pretende-se, ainda, realizar o resgate dos programas do curso "Criança na Instituição", das bibliografias mais utilizadas, bem como dos questionários e formulários de observação utilizados pelos estagiários em suas práticas. A análise dos relatórios apoiar-se-á

? DAINEL: o estágio propicia ao aluno a exper. de atuação profissional

no modelo teórico desenvolvido pelo CINDEDI, o qual discute a constituição de uma rede dinâmica, implicada na emergência de novos significados. Esta rede se constitui de componentes ambientais, sócio-históricos e pessoais, os quais se combinam ou conflituam constantemente, configurando assim as possibilidades de significações se repetirem ou se transformarem. Entendemos a instituição, qual seja ela, como um conjunto de práticas sociais que se reproduzem e se legitimam e que se articulam com as representações que as justificam e naturalizam as ações que ocorrem em seu interior. Discutir-se-á o que pretende o psicólogo ao se propor um trabalho institucional e quem é o estagiário na construção desta identidade do psicólogo na instituição voltada à Educação Infantil. (CNPq/FAPESP)

22 **UMA VISÃO HISTÓRICA SOBRE O FRACASSO ESCOLAR COMO OBJETO DE ESTUDO - CONTRIBUIÇÕES DE UMA DISCIPLINA.** Débora Cristina Piotto

O fracasso escolar tem sido uma das principais marcas de nosso sistema de ensino desde sua criação. Já na década de 40 apenas 4% dos ingressantes na escola concluíam o "primário" sem reprovação. E desta época até hoje a situação não se alterou muito: 2/3 da população infantil brasileira não se beneficia da escola, seja porque não tem acesso, evade, ou porque, ainda que permaneça, não desfruta do aprendizado que a escola promete a todos. Proporcional à cronificação deste quadro, tem sido o aumento das pesquisas voltadas para esta questão. Neste sentido, o objetivo desta apresentação é discutir, a partir da disciplina O Fracasso Escolar como Objeto de Estudo: uma visão histórica da pós-graduação do IPUSP, ministrada pela Prof^a. Dr^a Maria Helena S. Patto, a relação entre a situação da educação brasileira e a produção científica e desta com as reformas educacionais. Nesta historização das idéias sobre o fracasso escolar, procurar-

se-á a raiz das mesmas através da contraposição destas com as condições materiais em que foram produzidas, partindo-se do pressuposto de que toda idéia está comprometida com uma determinada visão de mundo. Para isto é feita uma incursão pela História do Brasil, desde a época colonial até os dias atuais, atentando-se para o movimento mundial e suas repercussões e apropriações em terreno nacional. Discute-se a visão tradicional através de textos que exemplificam o pensamento de cada período histórico, os fundamentos da crítica feita a esta concepção e finalmente a superação desta visão. Este caminho mostra, de maneira geral, como as idéias explicativas do fracasso escolar estão fundadas em preconceitos em relação aos negros e aos pobres, que imersos em uma determinada ideologia, vão se constituindo até serem legitimados cientificamente.

23 TRABALHANDO A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA ATRAVÉS DA POESIA E RIMA. Árthemis Emmanuil Sepentzoglou e Alessandra Lopes de Faria Giovani. (*Creche Carochinha*)

A partir do interesse das crianças por trava-língua, poesia e histórias com rima, e particularmente pelo livro "Brinquedos Falantes", de Gilda Figueiredo Padella, organizamos atividades voltadas para o processo de aquisição da língua escrita. Esta história possui parte de sua narrativa em rimas, o que acreditamos ter sido um grande atrativo, pois, ao solicitar a leitura, as crianças se divertiam muito repetindo as rimas. Baseado nisto, utilizamos alguns recursos, tais como: cartazes com rimas e desenhos, lista dos brinquedos falantes, rimas com o nome das crianças, brincadeiras de o que é que é? (educador diz a rima e a criança diz o brinquedo da história ou vice-versa), jogos de percurso com os personagens da história (de mesa e no chão), ilustrações da história, palavras cruzadas, montagem de rimas, dramatização, transparências com imagens da história. O interesse

despertado pelos recursos utilizados **facilitou** o processo de apropriação da história e as atividades iniciais trouxeram alguns desdobramentos para a realização de outras como atividades de reescrita e construção de texto, domínio de rimas etc., que têm contribuído bastante no processo de aquisição da língua escrita.

24 **TRABALHANDO A LINGUAGEM ORAL.** Francisca Aparecida dos Santos Souza, Carmem Sílvia de Souza Dimas e Edna Aparecida Alexandre da Costa. (*Creche Carochinha*)

O trabalho a ser apresentado estará enfocando as fases de desenvolvimento da linguagem oral de um grupo de crianças na faixa etária de 1 a 2 anos, e as ações realizadas pelas educadoras durante o primeiro semestre de 1997. As reflexões envolvidas partem do pressuposto que a criança se desenvolve nas e pelas interações com o seu meio físico e social e, portanto, é fundamental que ao longo do seu desenvolvimento essas interações sejam de qualidade. O principal objetivo, ao longo do trabalho, foi o de **promover** o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem oral através de atividades lúdicas e prazerosas, utilizando uma série de estratégias e recursos: as músicas cantadas e tocadas, as vocalizações onomatopéicas realizadas pelos educadores e bichos de estimação da creche, histórias contadas através de livros, fantoches, caixas, além das incontáveis conversações entre educadores e crianças. Inicialmente as crianças se comunicavam através de gestos, sons, sendo poucas as que emitiam algumas palavras. Atualmente o repertório vocal se ampliou, melhorando a comunicação entre elas e os adultos, e entre elas próprias. Durante esse processo pudemos perceber o quanto foi importante o **papel do educador** no sentido de **promover situações** que possibilitem à criança oportunidades para ampliar seu repertório, bem como o de incentivá-las a imitar esses novos sons e palavras, através de muitas repetições e realização de gestos que acompanhavam a

PAINEL → -42- o educador e o mediador

fala. Em relação a esse ponto, uma reflexão se faz importante: a linguagem oral não é a concomitantemente a outras formas de expressão. Pensando no desenvolvimento integrado da criança é preciso realizar um planejamento que busque, de forma significativa, integrar essas diversas formas de expressão, tendo em vista que uma influencia no desenvolvimento da outra e vice-versa.

25 **LINGUAGEM MUSICAL.** Maria José Bernardes e Marta Antonia M. Rodriguez (*Creche Carochinha*)

O painel apresenta, uma experiência com linguagem musical, com bebês de 4 a 11 meses, na Creche Carochinha, mostrando as possibilidades de se ter rotinas planejadas com os bebês. Diferenciando ritmo de melodia, esse trabalho, mostra o processo de formação também dos educadores, mediadores importantes dessas ações. As rotinas e as sugestões serão ilustradas com cartuns. O relato dessa experiência faz parte do projeto pedagógico educacional que envolve diversas linguagens como: oral, gestual, dramática etc. Neste recorte estaremos priorizando apenas a linguagem musical.

? Ver painel

26 **TRABALHO COM RÓTULOS NA PRÉ-ESCOLA: UMA POSSIBILIDADE DE INTEGRAÇÃO DE DIFERENTES LINGUAGENS.** Eliane Facincani da Costa e Rosana Stella (*Creche Carochinha*)

O painel apresenta uma experiência, com aquisição do hábito de leitura de crianças no quarto ano de vida, na Creche Carochinha. O hábito de leituras em roda de histórias, poesias, gibis, artigos etc., despertou no grupo de crianças, não só o gosto pela leitura, como também um grande interesse pelas diferentes linguagens (escrita, plástica, dramática, faz-de-conta etc.). Aproveitando o momento deste envolvimento, introduzimos na programação o

trabalho com rótulos para melhor nos apropriarmos dessas linguagens. Neste trabalho as crianças também encontraram oportunidades de interagirem com elas de uma forma significativa, pois os rótulos além de possuir uma função que é social, são sedutores, atrativos. Seus slogans e jingles são textos simples, criados para facilitar a memorização visual e auditiva, com isso, as crianças gostam de repeti-los, usam e abusam brincando e adaptando-os em diversos contextos. Iremos apresentar algumas características dos possíveis recursos que utilizamos nesse trabalho, com rótulos, como: leitura visual, leitura sensorial, leitura sonora, os aspectos comunicativo e funcional, o aspecto gráfico, e finalmente o aspecto simbólico.

27

FEIRA DO LIVRO COM ARTE. Silvana Januário e Regina Célia da S. M. Teles (*Creche Carochinha*)

Esse painel apresentará um relato de experiência, com crianças de 3 a 7 anos, na Feira de Livros-1997, na Creche Carochinha. Foram dois dias de exposições onde pudemos compartilhar com pais e comunidade parte de muitos conhecimentos e afetos construídos ao longo dos anos. Com o enfoque voltado para a história artística da região, vivenciamos com as crianças uma fascinante e necessária experiência de conhecer, apreciar e fazer arte. O resultado e o processo foram surpreendentes! Foram meses e meses de envolvimento e dedicação; escolha de temas, reuniões de programação, seleção de materiais, convidados especiais, convites para os pais, enfeites para a creche, produção de livros infantis, trabalhos para exposição, panfletos para divulgação, editoras com promoções e muitas discussões. O painel será ilustrado com fotos e produção infantil.

28

REFLETINDO SOBRE AS NOVAS CONFIGURAÇÕES GRUPAIS DURANTE O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO

NA CRECHE. Mirian de Souza Lobo de Oliveira e Maria Cândida Moura Brandão Bertolini. (*Creche Carochinha*)

Este painel tem como objetivo apresentar os aspectos envolvidos na formação de uma nova configuração grupal durante o processo de adaptação, destacando os sentimentos e as ações dos educadores envolvidos. A idéia de apresentar uma experiência que marca os conflitos vivenciados pelos novos educadores de um grupo, por ocasião do remanejamento, dirigiu como desmembramento de reflexões teóricas. Nesta concepção, a adaptação é vista como fenômeno integrado, onde crianças, famílias e educadores estão vivenciando, concomitantemente, o processo de construção de apego. Neste período a relação de confiança a ser estabelecida, entre estes três elos, faz-se fundamental. A experiência a ser relatada ocorreu no primeiro semestre de 1997. Inicialmente o grupo era composto por 6 crianças (que haviam ingressado na creche no ano anterior) e duas educadoras e posteriormente ingressaram mais duas crianças configurando um grupo de 10 pessoas. O processo a ser descrito mostra as sutilezas que envolvem o papel de mediação do educador, considerando suas relações com as crianças, seus familiares e também com os educadores do ano anterior, que participam do período de readaptação. Entendemos que as reflexões dessa experiência podem ser de grande valor para aqueles educadores que, anualmente, mediam a readaptação de crianças, especialmente as pequenas, uma vez que a estrutura do fluxo prevê um aumento de criança de turma para turma a cada ano, sendo inevitáveis, portanto, os processos de formação de novas configurações grupais.

(29) **ARRANJOS ESPACIAIS E AS FUNÇÕES DO ESPAÇO E DO OBJETO PARA PROMOÇÃO DE INTERAÇÕES DE QUALIDADE.** Francisca de Fátima da Silva e Maria Aparecida dos Santos Martins. (*Creche Carochinha*)

Este painel tem como objetivo expor um trabalho de reflexão sobre o papel da organização espacial e dos objetivos na promoção de interações de qualidade entre bebês, bem como apresentar os diferentes "arranjos espaciais" que fizeram parte do nosso cotidiano ao longo desses anos. Partindo de um estudo topográfico realizado por Legendre (1987), que considera três modelos de arranjos espaciais - aberto, fechado e semi-aberto - apresentaremos algumas observações de interações (criança x criança e criança x objeto) de um grupo de crianças de faixa de 4 a 10 meses. Os resultados dessas observações mostraram que o espaço semi-aberto promove e/ou facilita as interações entre os pequenos. O presente trabalho pretende discutir os efeitos desse tipo de estruturação espacial para o desenvolvimento dos pequenos, bem como apresentar alguns exemplos de objetos que colaboram para a organização desses arranjos no espaço da creche.

? ver painel

20

ALIMENTAÇÃO: PROCESSO PACIENTE DE TRANSIÇÃO. Lucimeire A. da Silva Coelho e Ivanira A. Banduino da Cruz (*Creche Carochinha*)

Esse relato de experiência irá apresentar o processo de transição na introdução de alimentos, no primeiro ano de vida das crianças na Creche Carochinha. A experiência mostra como a criança é obrigada a realizar movimentos rigorosos de sucção sendo que os órgãos fonoarticuladores estarão estimulados para conseguir exercer normalmente as funções da fala, mastigação e deglutição. Discuti a importância da sucção e como os adultos podem garantir a introdução de diversos alimentos, respeitando ritmos de cada criança e hábitos alimentares das famílias. O trabalho apresenta a necessidade de se ter persistência e paciência nas primeiras semanas de mudanças tanto de alimentos quanto de objetos (mamadeira para colher ou canecas). O painel é ilustrado com fotos do cotidiano das crianças na creche.

PAINEI:
1 introdução

31 PRÁTICAS EDUCATIVAS NO HORÁRIO DE SONO.

Sandra Heloísa de Paula Pinto Gomes e Rosana Ferreira de Carvalho Santos. (Creche Carochinha)

Sabemos, através da literatura especializada e de observações, que a criança até os 4 anos ainda necessita dormir durante o dia. Após essa idade percebe-se uma redução na necessidade de sono diurno e a criança começa a se aproximar do padrão adulto (grandes dormidores necessitam em média de 8:30 a 9:30 h. de sono diário e pequenos dormidores de 5:30 a 6:30 h.). Tendo em vista essas considerações, refletir sobre os momentos de sono em ambiente coletivo como a creche, torna-se um desafio para qualquer educador que trabalhe, com essa faixa etária. Nesse sentido, pretendemos apresentar, o caminho que percorremos durante todos esses anos, e como pudemos transformar as nossas ações. Retrospectiva: Em função de poucas oportunidades para reflexão do tema, não tínhamos consciência da importância desses momentos, como situações educativas e de grande importância para a saúde física e mental, e nossas ações junto às crianças se baseavam mais na necessidade do cumprimento da rotina ("dormir por dormir"). Esta atividade, muitas vezes era mecânica, sem atentar para a individualidade de cada criança e para a importância de se enxergar esses momentos como de intimidade. Observa-se uma grande frequência de adulto-centrismo ("fulano deita e fica quieto!"). Transição: Passamos para uma fase onde recebíamos várias informações através dos grupos de estudo (discutimos textos, assistimos vídeos, compartilhamos dúvidas e observações das crianças). Durante esse período pudemos tomar consciência das nossas ações e da necessidade de mudar nossa postura. Atualmente: Hoje, em outra fase desse processo, chegamos a conclusão que o sono é um atividade tão importante quanto aquelas que ocorrem na roda, na areia, nas situações de faz de conta etc. e assim como as outras, ela precisa ser planejada, registrada e avaliada.

PAINEL: = conclusões: propicia/avalia

32 BICHO DE ESTIMAÇÃO: OBA, MAIS COELHINHOS!
Grace Mara Toledo Abrahão e Juariana Michelli (Creche Carochinha)

Iremos apresentar neste painel, porquê a experiência de ter um animal de estimação pode ser muito positiva, interessante e divertida, para as crianças de 3 a 4 anos. O resultado de cuidar diariamente de animais, **leva às crianças** a construir afetos e terem diversas informações sobre as necessidades dos mesmos. Podem aprender noções de ordem e higiene, limpando o local onde o animal vive, mas acima de tudo pode acompanhá-los expressando os sentimentos contraditórios (carinho, raiva etc) em relação ao crescimento de um ser vivo. Neste relato descreveremos todo o processo, da escolha do animal, batizado e seu desenvolvimento durante o ano de 1997, sendo ilustrado com fotos e alguns diálogos das crianças e educadores.

33 NÃO, NÃO e NÃO! Ou CONFLITOS EU - OUTRO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE. Edna Aparecida Alexandre da Costa e Laudicéia Guimarães dos Santos (Creche Carochinha)

Esse trabalho apresenta uma reflexão desenvolvida ao longo do ano de 1997, pelos educadores que cuidam e educam crianças no terceiro ano de vida na Creche Carochinha. Trabalhando alguns anos com as crianças desta faixa etária, temos percebido que ocorre uma "reviravolta" no comportamento das mesmas nessa fase. Muitas vezes, os desejos ou as expectativas dos adultos, não correspondem com os das crianças, como ocorria nos meses anteriores. Observamos que elas opõem-se frequentemente aos pedidos, aos convites. Falam NÃO para quase todas as solicitações sendo que, os conflitos e as disputas de objetos parecem aumentar. O painel discutirá sobre a diferenciação do eu - outro na construção da identidade infantil, bem como o **papel do**

educador de mediar conflitos, diários e contínuos, aspectos que devem ser considerados e analisados para àqueles que trabalham com essa faixa etária. Ilustraremos através de fotos e exemplos algumas estratégias que utilizamos no nosso projeto pedagógico educacional, para o tema.

34 **A BUSCA DE QUALIDADE DAS INTERAÇÕES ENTRE AS CRIANÇAS.** Rita de Cássia P. Brunello e Dulcinéia G. Alves

(*Creche Carochinha*)

Esse relato de experiência apresenta o processo de formação de um grupo novo, envolvendo 7 crianças com idade entre 18 e 24 meses, e dois educadores, no primeiro semestre de 1997. Esta experiência apresentará alguns aspectos que **facilitam** a construção da identidade de grupos de crianças em creches, no início de cada ano. As crianças e os educadores necessitam de novas adaptações, assim avaliamos que o desenvolvimento do trabalho deveria se dar de forma gradativa. Estávamos ainda conhecendo as particularidades de cada criança e elas, as nossas. Nosso primeiro objetivo foi explorar os novos espaços. Assim visitamos e exploramos o labirinto, as pedrinhas (onde levávamos objetos variados), a areia, os cantos do pátio, os bichos de estimação e outros. Com o passar dos meses percebemos que os desafios precisavam ser ampliados. Havia momentos, por exemplo, em que uma criança se irritava com o toque de mãos da outra e até mesmo a presença de um coleguinha na turma já era motivo para que outra criança tivesse o humor alterado ou começasse a chorar. Fizemos assim um programa de ações sistematizadas que vamos apresentar neste trabalho.

35 **CHEGOU A HORA DE IR PRÁ ESCOLA.** Alma Helena A da Silva

(*Creche Carochinha*)

Esse painel apresenta várias atividades desenvolvidas dentro do

subprojeto de adaptação à escola, o qual tem como objetivo oferecer algumas oportunidades para a criança refletir sobre seu ingresso na escola. As principais atividades do projeto foram: entrevistas com ex-alunos, visitas a casa de uma amiga, visitas a escolas de primeiro grau, noite na creche, história de vida de cada criança - construção de um mural de vestimentas de quando eram bebês, montagem de um livro que retrata os seis primeiros anos de suas vidas com suas características individuais, o acampamento de três dias, encerrando com a festa de despedida. Com estas e outras oportunidades, nosso desejo é que as crianças, de posse da autonomia que aos poucos foram construindo e conquistando, possam partir em busca do novo, informadas de alguns aspectos, se sentindo mais seguras de que serão capazes de trilhar caminhos diferentes e serem bem sucedidas diante deles.

36 PROGRAMA DE EXTENSÃO ÀS REDES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL. Equipe Técnica da Creche Carochinha

A Creche Carochinha/COSEAS/USP e o CINDEDI da FFCLRP/USP, nos últimos anos vêm colaborando com as redes públicas de creches e pré-escolas, na construção de projetos que visam o cuidado e a educação dos pequenos. Isto tem sido feito através de assessoria na coleta e análise de dados para pesquisas e orientações técnicas, de forma a responder, pelo menos em parte, a esse tipo de demanda. Dentro desse projeto duas atividades merecem destaque: Visitas das Terças e Vídeos Educativos. Visitas das Terças: Semanalmente a creche recebe visitas de técnicos e educadores de creches e pré-escolas de redes públicas de vários municípios do Brasil. Nessa oportunidade é apresentada a estruturação e organização do espaço físico e também realizada orientações quanto: a concepção que define as diretrizes do trabalho, conteúdo dos projetos, organização da rotina, formação

de pessoal etc. Vídeos Educativos: A edição desses vídeos tem como objetivo oferecer, aos educadores de creches e pré-escolas, uma visão introdutória de conhecimentos e técnicas desenvolvidas em projetos bem sucedidos, em relação aos cuidados e a educação infantil coletiva. Os vídeos têm sido um instrumento didático que **facilita** a inserção de temas, gerando reflexões sobre o trabalho. Eles também são utilizados nos cursos de graduação e especialização como recurso de formação dos alunos e/ou como informação de programas e projetos de creches e pré-escolas. Impacto/Abrangência do projeto: Recebemos, desde o início do projeto, 68 instituições públicas e conveniadas com órgãos públicos Foram editados cinco vídeos educativos. Em 1995, fundamos o Centro de Criação dos Educadores (CRECE) que deverá catalogar toda nossa produção.

(37) Leila

Organização

CINDEDI

Este livreto foi elaborado por:

Ronie Charles F. Andrade

Katia S. Amorim

Heloisa O. Salgado

Desenho:

Cleido R.F. Vasconcelos